



HELENA ALEXANDRINO: Indicação brasileira para Prêmio Hans Christian Andersen — categoria ilustração

A FNLIJ, como seção brasileira do IBBY - International Board on Books for Young People, indica a cada dois anos um escritor e um ilustrador para concorrerem ao Prêmio Hans Christian Andersen, o "Pequeno Nobel" da literatura infantil e juvenil. A Fundação está indicando este ano Bartolomeu Campos Queirós e Helena Alexandrino pela segunda vez. A Fundação apresenta um dossiê e todas as obras dos candidatos para a comissão julgadora. O *Notícias* publica neste número um pequeno resumo do dossiê de Helena Alexandrino, uma das ilustradoras que mais se destaca da sua geração. O trabalho de Helena vem sendo reconhecido internacionalmente através de exposições e feiras de livros. A Fundação está torcendo por ela. No próximo *Notícias* publicaremos o dossiê de Bartolomeu Campos Queirós.

Helena Alexandrino nasceu em São Paulo a 29 de junho de 1954. Formou-se em Artes Plásticas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e começou sua carreira de ilustradora na revista *Recreio*, em 1980, fazendo desenhos para páginas de brincadeiras e atividades e ilustrando algumas histórias. A partir de então, tem se dedicado aos livros para crianças e já ilustrou, até o momento, mais de sessenta livros.

Pelo seu trabalho como ilustradora recebeu importantes prêmios brasileiros, como o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, e o APCA, da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Também recebeu o Prêmio Luís Jardim, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, pelo livro *O caminho do caracol*, de sua autoria, considerado o

melhor livro de imagens de 1994.

Em 1990, recebeu menção Honrosa no IV Prêmio Internacional de Ilustrações da Catalunha.

As ilustrações de *Comadre Florzinha contra a mula-sem cabeça*, um livro que faz parte de uma coleção de histórias que têm como tema os mitos do folclore brasileiro, foram selecionadas para integrar a Mostra de Ilustradores de Bolonha, 1997.

O livro *A cuca vem pegar*, com projeto gráfico e ilustrações da artista, foi indicado na revista anual *White Ravens* 1997, da Biblioteca Internacional para Juventude de Munique, que seleciona os melhores livros publicados no mundo todo.

Seus trabalhos já participaram de exposições em Bratislava, Barcelona, Bolonha, Lisboa e Tóquio, e em muitas cidades do Brasil e da América Latina.

PRINCIPAIS OBRAS DA AUTORA

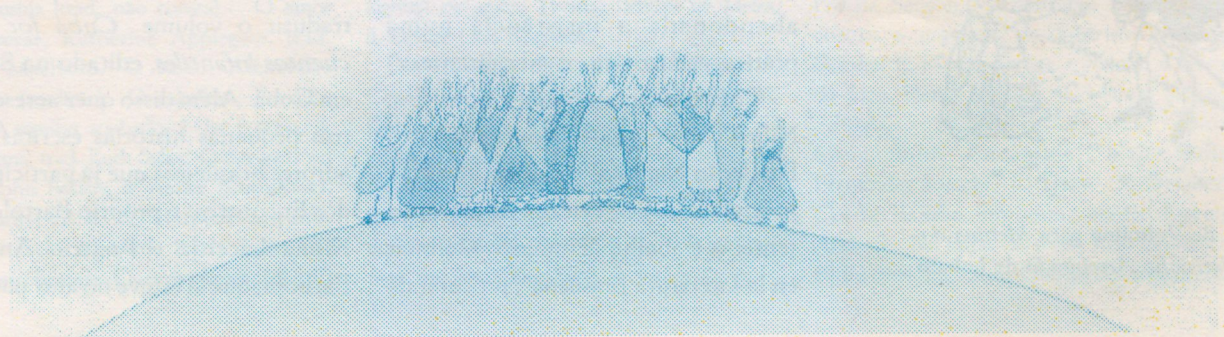
- *O caminho do caracol*, Helena Alexandrino, Studio Nobel, 1993 (Prêmio Luís Jardim 1994, melhor livro de imagens, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ).

- *A risada do saci*, texto de Regina Chamalian, Editora Ática, 1996 (Prêmio Jabuti 1996, Câmara Brasileira do Livro)

- *A cuca vem pegar*, Regina Chamlian, Editora Ática, 1996 (White Ravens 1997, Biblioteca Internacional para a Juventude, Munique)

- *Comadre Florzinha contra a mula-sem-cabeça*, texto de Regina Chamlian, Editora Ática, 1996. (Ilustrações selecionadas para a Mostra de Bolonha 1997).

- *O bordado encantado*, Edmir Perrotti, Paulinas Editoras, 1996 (Prêmio Jabuti 1997).



Notícias

acontece

■ Uma boa notícia: o livro de Ricardo Azevedo, *O pobre corintiano careca*, da Editora Melhoramentos, foi publicado na Alemanha pela Elefant Press. Ricardo teve seu livro indicado pela revista *White Ravens*, da Biblioteca Internacional de Munique, que faz uma seleção anual dos melhores livros do mundo.

■ Uma má notícia: a estátua da Pequena Sereia, no Porto de Copenhague, na Dinamarca, foi decapitada. A estátua, cartão postal da cidade, é uma homenagem ao seu criador, Hans Christian Andersen. A cabeça foi devolvida pelos "criminosos" e os responsáveis estão providenciando sua restauração.



Il. de Voltolino para *Menina do Narizinho Arrebitado* de Lobato

Notícias do IV Encuentro Iberoamericano de Literatura para Niños Y Jóvenes em Cuba

A escritora e professora Nilma Gonçalves Lacerda vem representando a Fundação nos dois últimos Encontros Iberoamericanos de Literatura para Niños y Jóvenes em Cuba. Ela, com Bartolomeu Campos Queirós, esteve no IV Encontro, realizado em novembro passado e preparou um relatório sobre sua participação. O título já é bem sugestivo: *Cinza, e um punhado de intenções*. Nilma inicia seu relatório de maneira diferente, ainda banhada da emoção do encontro: "Não existe alvorecer sem amigos, é o que me diz o rosto de Emilia Gallego (Presidente da seção cubana do IBBY, que mantém uma forte relação com a Fundação). Vamos alvorecer, Emilia; Bartolomeu, o poeta que está aqui conosco, Bartolomeu Campos Queirós, o dos *Ciganos*, leu isso em Drummond. Leu, e sai por aí em exercícios de aurora. Também eu faço muitos desses exercícios, fazemos todos que buscamos a língua das línguas. É essa busca que leva Emilia a convocar para 1999 o II Congresso Iberoamericano de Literatura para Niños y Jóvenes, e para os quais ela espera muitos brasileiros."

Nilma comenta que houve maior presença de participantes estrangeiros entre espanhóis, argentinos, colombianos, venezuelanos, israelenses e mexicanos. Ela verificou que "...houve maior competência nas análises críticas e o alargamento da consciência de que a literatura para crianças e jovens é literatura, o que deixa praticamente abandonada a insistência numa prática pedagógica, e moralizante..."

Com relação a presença brasileira, Nilma comenta que "representando a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (seção brasileira do IBBY), apresentei o trabalho "Plumas y Malestar em la Literatura Brasileña", procurando

levar informações sobre o que se tem feito no Brasil sobre o tema, além de propor parâmetros críticos para sua avaliação. (...) Procedi a apresentação do poeta e escritor Bartolomeu Campos Queirós, que seduziu a platéia com a conversa simples e encantada que é uma de suas marcas pessoais. Foi um momento de intensa comunhão poética. (...) Para mim, o encontro entre Bartolomeu e aquele público vindo de tantos lugares foi momento de assombro, esse assombro que só a linguagem universal traz ao coração do homem."

Nilma também foi convidada para encerrar o Encontro: "Em poucos momentos de minha vida, senti emoção tão autêntica quanto nesse momento em que nos despedimos, frágeis frente a uma realidade instável e cruel, e confiantes na força do nosso trabalho, assinando a História que outrora líamos nos livros escolares, nos prometemos o reencontro em 99."

Um dos projetos desenvolvidos pela seção cubana discutido no 2º Encontro das Seções Regionais Latino-Americanas do IBBY foi a criação da Cátedra Mirta Aguirre de literatura para Niños y Jóvenes, cuja vice-coordenadoria é da FNLIJ, sendo Nilma Lacerda designada para exercê-la pela Fundação.

Outro grande fruto do Encontro foi o interesse de Bartolomeu, que é também editor, pela publicação de uma antologia de contos cubanos para crianças. Bartolomeu pensa em traduzir o volume *Cuba for kids/cuentos infantiles*, editado na Suíça e em Cuba. Além disso quer acrescentar três pequenas histórias escritas pelos autores brasileiros que já participaram dos Encontros: o próprio Bartolomeu, Nilma Lacerda e Rogério Andrade Barbosa, que lá esteve no ano passado.

Salão do Livro de Paris

No é o 18º Salão do livro de Paris, e o Brasil será o país convidado. A Biblioteca Nacional está organizando vários eventos: palestras, mesas-redondas com escritores convidados, como Autran Dourado, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Heitor Cony. A literatura infantil e juvenil deve ter uma representação, considerando que sua produção é uma das maiores no mercado editorial.

O Departamento Nacional do Livro, DNL/FBN, está produzindo uma agenda da literatura brasileira com verbetes dos 100 livros mais marcantes de nossa literatura, dos quais 50 são para crianças. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, convidada pelo DNL, fez a seleção das obras infantis e juvenis mais importantes, cuja lista apresentamos abaixo. Além de verbetes sobre cada livro, a agenda terá também informações sobre os autores e será distribuída aos visitantes do estande brasileiro.

Esta é a segunda vez que o Brasil participa do Salão, que terá um estande de livraria, em que os livros brasileiros, traduzidos ou não, estarão a venda. A organização desse estande é da Câmara Francesa e Brasileira do Livro. Também haverá um estande com uma exposição dos livros da lista do Ministério da Educação, Biblioteca Básica do Professor, além dos 50 livros selecionados pela FNLJ.

O Salão do Livro de Paris será realizado de 20 a 25 de março; logo após acontecerá a Feira de Bolonha, no começo de abril. Será uma oportunidade única para todos que trabalham com livro aproveitar duas feiras internacionais tão próximas. É claro que uma viagem como esta é um investimento profissional. Tanto o Salão do Livro de Paris como a Feira de Bolonha são ocasiões para editores, escritores, ilustradores e professores conhecerem a produção, as linhas editoriais, as novas

tendências e a forma de relacionamento do mercado internacional do livro.

Dica para quem pensa em ir ao Salão, e já quer ter alguma informação sobre os livros infantis franceses: leia a revista, *La revue des livres pour enfants - sélection 1997 - N 178* - publicada pela La Joie Par Les Livres, instituição francesa que desenvolve um importante trabalho na área de livros para crianças e jovens; nessa edição, há uma seleção crítica dos melhores livros lançados de outubro de 96 a outubro de 97 na França. A revista se encontra na Fundação para consulta dos sócios.

A revista se divide em categorias: livros de imagens, contos, poesia, teatro, primeiras leituras, romances, informação, cd-rom. Um dos temas mais ricos e que por isso entra como categoria é o do Natal

Relação dos livros infantis e juvenis para o Salão de Paris.

Bisa Bia Bisa Bel. de Ana Maria Machado. Il. de Regina Yolanda. Rio de Janeiro, Salamandra. **■** Cena de Rua. de Angela Lago. Il. da autora. Belo Horizonte, RHJ. **■** Por parte de pai. de Bartolomeu Campos Queirós. Projeto gráfico de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte, RHJ. **■** Ou isto ou aquilo. de Cecília Meireles. Il. de Beatriz Berman. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. **■** A lenda do guaraná. de Ciça Fittipaldi. Il. da autora. São Paulo, Melhoramentos. **■** A mulher que matou os peixes. de Clarice Lispector. Rio de Janeiro, Rocco. **■** Eu e minha luneta. de Cláudio Martins. Il. do autor. Belo Horizonte, Formato. **■** A vaca voadora. de Edy Lima. Il. Jaime Cortez. São Paulo, Melhoramentos. **■** O outro lado do tabuleiro. de Eliane Ganem. Il. de Rui de Oliveira. Rio de Janeiro, Record. **■** Orei de quase-tudo. de Eliardo França. Il. do autor. Rio de Janeiro, Orientação Cultural. **■** As aventuras do avião vermelho. de Érico Veríssimo. Il. de Walter Ono. Rio de Janeiro, Globo. **■** A bruxinha atrapalhada. de Eva Furnari. Il. da autora. São Paulo, Global. **■** A fada que tinha idéias. de Fernanda Lopes de Almeida. Il. de Edú. São Paulo, Ática. **■** A terra dos meninos pelados. de Graciliano Ramos. Il. de Floriano Teixeira. Rio de Janeiro, Record. **■** O gênio do crime. de João Carlos Marinho. Il. de Roberto Barbosa. São Paulo, Global. **■** Vida e paixão de Pandonar, o cruel. de João Ubaldo Ribeiro. Il. de Ivan & Marcello. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. **■** História de Trancoso. de Joel Rufino dos Santos. Il. de Zéflávio Teixeira. São Paulo, Ática. **■** O gato

malhado e a andorinha Sinhá. de Jorge Amado. Il. Carybé. Rio de Janeiro, Record. **■** Histórias da Velha Totônia. de José Lins do Régio. Il. de Santa Rosa. Rio de Janeiro, José Olympio. **■** É isso ali. de José Paulo Paes. Il. de Roger Mello. Rio de Janeiro, Salamandra. **■** Ida e volta. de Juarez Machado. Il. do autor. Rio de Janeiro, Agir. **■** Em boca fechada não entra estrela. de Leo Cunha. Il. de Roger Mello. Rio de Janeiro, Ediouro. **■** O escaravelho do diabo. de Lúcia Machado de Almeida. Il. de Mário Cafiero. São Paulo, Ática. **■** Ludi na TV. de Luciana Sandroni. Il. de Humberto Guimarães. Rio de Janeiro, Salamandra. **■** A casa da madrinha. de Lygia Bojunga Nunes. Il. de Regina Yolanda. Rio de Janeiro, Agir. **■** O homem que calculava. de Malba Tahan. Rio de Janeiro, Record. **■** O ladrão de palavras. de Marco Túlio Costa. Il. de Walmir Amaral. Rio de Janeiro, Record. **■** Teatro I - Pluft, o fantasminha e outros. de Maria Clara Machado. Rio de Janeiro, Agir. **■** Rente que nem pão quente. de Maria Mazzetti. Il. de Maria Amelia D. Serpa. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico. **■** Uma idéia toda azul. de Marina Colasanti. Il. da autora. Rio de Janeiro, Nórdica. **■** Pé de pilão. de Mário Quintana. Il. Cárcamo. São Paulo, Ática. **■** Nó na garganta. de Mirna Pinsky. Il. Ciça Fittipaldi. São Paulo, Atual. **■** Reinações de Narizinho. de Monteiro Lobato. Il. de Manoel Victor Filho. São Paulo, Brasiliense. **■** O bicho sete ciências. de Narbal e Ofélia Fontes. Il. de Floriano Teixeira. Petrópolis - RJ, Vozes. **■** Era uma vez duas

avós. de Naumin Aizen. Il. de Patrícia Gwinner. Rio de Janeiro, Ebal. **■** Memórias de um cabo de vassoura. de Orígenes Lessa. Il. de Lee. Rio de Janeiro, Ediouro. **■** Assassinato na floresta. de Paulo Rangel. Il. de Regina C. Wilke & Maria Helena W. Bomery. São Paulo, FTD. **■** O fantástico mistério de Feiurinha. de Pedro Bandeira. Il. de Denise & Fernando. São Paulo, FTD. **■** A outra enciclopédia canina. de Ricardo Azevedo. Il. de vários ilustradores. São Paulo, Cia. das Letrinhas. **■** Maria Teresa. de Roger Mello. Il. do autor. Rio de Janeiro, Agir. **■** Contos ao redor da fogueira. de Rogério Andrade Barbosa. Il. de Rui de Oliveira. Rio de Janeiro, Agir. **■** Classificados poéticos. de Roseana Murray. Il. de Paula Saldanha. Belo Horizonte, Miguilim. **■** O reizinho mandão. de Ruth Rocha. Il. de Walter Ono. São Paulo, Quinteto. **■** 33 ciberpoemas e uma fábula virtual. de Sérgio Caparelli. Il. Marilda Castanha. Porto Alegre, L&PM. **■** Os bichos que eu tive: Memórias Zoológicas. de Sylvia Orthof. Il. de Gê Orthof. Rio de Janeiro, Salamandra. **■** O grande cão curso. de Tatiana Belinky. Il. de Eva Furnari. Rio de Janeiro, Salamandra. **■** A arca de Noé. de Vinícius de Moraes. Il. de Laurabeatriz. Rio de Janeiro, Cia. das Letrinhas. **■** Cazuza. de Viriato Correia. Il. de Renato Silva. Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional. **■** Apenas um Curumim. de Werner Zotz. Il. de Jubal Sérgio Dohms. Rio de Janeiro, Nórdica. **■** O menino maluquinho. de Zivaldo Alves Pinto. Il. do autor. São Paulo, Melhoramentos.

1998: O ANO DE LOBATO

No final de dezembro o Ministro da Cultura, Francisco Weffort, decretou que 1998 será o ano de Monteiro Lobato, no seu cinquentenário de morte.

O ministro está prometendo muitas homenagens ao pai da literatura infantil brasileira, como palestras, cursos e seminários.

Nas comemorações dos seus 30 anos a Fundação também irá lembrar de Lobato promovendo várias atividades.

Ano passado foram publicados três livros sobre ele: *Os filhos de Lobato* de José Roberto Whitaker Penteado, sua tese de doutorado que discute a importância da leitura de

Lobato na infância de personalidades atuais — Whitaker fez palestra, ano passado, sobre seu trabalho na entrega dos Altamente Recomendáveis da FNLIJ — ;

Minhas memórias de Lobato - contadas por Emília, Marquesa de Rabicó e Visconde de Sabugosa de Luciana Sandroni, uma mistura de biografia ficção

em que Emília e Visconde contam a vida do autor de maneiras diferentes. *Monteiro Lobato - furacão na Botocúndia*, de Carmen Lúcia de Azevedo,

Márcia Camargos e Vladimir Sachetta, uma minuciosa biografia do autor com cartas, fotos e entrevistas.

Os dois primeiros livros já foram comentados pelo *Notícias* ano passado e, para começar o ano homenageando Lobato, a recomendação do mês é esta nova biografia do autor.

Monteiro Lobato - Furacão na Botocúndia.

Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sachetta.

São Paulo, SENAC, 1997. 392p. (NP)

Monteiro Lobato, divisor de águas na formação da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, trouxe personagens e terras de interesse das crianças, recriando cenários bem brasileiros para suas histórias, a exemplo do Sítio do Picapau Amarelo. Introduziu a fantasia como elemento fundamental nas histórias infantis, rompendo com padrões estéticos e moralistas da época. Inaugurou, de fato, uma literatura infantil, voltada para a ludicidade da infância e, principalmente, valorizando a criança como um ser de vontades que merecia respeito. Logo,

temos que cair no lugar comum e dizer que Lobato é o Pai da Literatura Infantil Brasileira, tendo influenciado as gerações seguintes de escritores, bem como a elite intelectual brasileira, como mostram os estudos de José Roberto Whitaker, em *Os filhos de Lobato*. Não é demais repetir que Lobato foi um grande incentivador da leitura, pelo caráter político de sua obra, pelas traduções de fábulas e histórias clássicas que deixou publicadas e pela paixão que tinha pela palavra, pelos livros (foi também editor) e pela leitura, lutando em campanhas para combater o analfabetismo.

Neste recente biografia de Lobato, feita a seis mãos, por três pesquisadores o leitor pode compreender alguns mal-entendidos sobre a figura deste polêmico autor. Sendo rotulado como “inimigo dos modernistas” de 1922, ficou famoso pela produção de Literatura Infantil e Juvenil, tornando-se quase esquecido pela sua obra destinada ao público adulto, com livros como *Urupês* (contos), *Idéias de Jeca Tatu* (ensaios) e *A barca de Gleyre* (correspondências). Lobato se dedicou mais aos livros infantis, por ter se frustrado com os adultos e, mais do que tudo, por ter descoberto a mágica do que é escrever

para crianças. De qualquer forma, a partir de 1936, passou a escrever exclusivamente para o público infantil.

Uma curiosidade trazida por Monteiro Lobato - *Furacão na Botocúndia* é que Lobato, como editor de livros, não era um inimigo tão ferrenho do Modernismo. Ao sabermos que ele publicou *Os Condenados*, romance de estreia de Oswald de Andrade, com capa de Anita Malfatti, a famosa querela Malfatti / Lobato adquire tons, no mínimo, equivocados. Em outra passagem, descobre-se um Lobato capaz de perdoar Mário de Andrade que publicou um artigo com críticas árdidas, em forma de necrológio, ao criador da boneca Emília.

Esta biografia, partindo de uma pesquisa a correspondências, documentos, manuscritos, ilustrações e uma revisão e atualização da biografia realizada por Edgar Cavalheiro, publicada em 1956, traz uma visão de Lobato mais ampla do que a que se conhecia. O título “Furacão na Botocúndia” justifica-se por um apelido inventado pelo escritor para o nosso país. Percebe-se que Lobato não é só um mito da cultura brasileira, nem só o grande autor de Literatura Infantil, mas é parte da memória ainda viva da nossa cultura. Isto se deve por ter participado de um movimento tão marcante como o Modernismo, e pelas suas idéias revolucionárias que deixou em vida, como em sua obra infantil. Antes mesmo do advento dos modernistas, Lobato valorizava os mitos brasileiros, as coisas da terra, sem desvalorizar os clássicos.

E como diz o crítico Wilson Martins: “Lobato foi no campo da ação e das idéias sociais, econômicas e políticas, o praticante mais sistemático e característico do movimento modernista”. E agora ele ressurgiu novamente, através desta publicação é de outras que foram lançadas recentemente, citadas acima. Entretanto, o meio editorial, continua a dever-nos, uma mais do que oportuna reedição do fundamental Monteiro Lobato - *Vida e Obra*, de Edgar Cavalheiro.

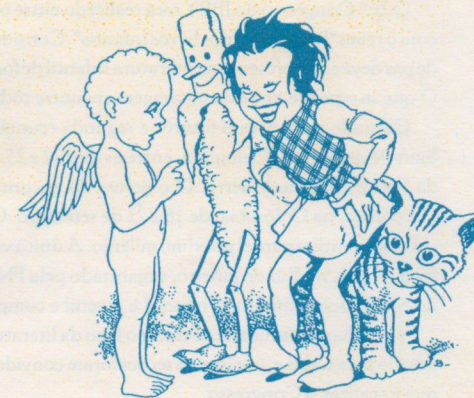


Ilustração de André Leblanc

MAIO: BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

A 15ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo está prometendo ser uma das mais animadas. A principal novidade da maior feira de livros da América Latina é a sua antecipação para o primeiro semestre, de 29 de abril a 10 de maio. Desde sua criação, em 1970, a bienal acontecia em agosto. A intenção é aumentar o número de visitantes estrangeiros, que entram em férias no mês de agosto.

O local ainda é o Expo Center Norte que oferece uma melhor infraestrutura e maior área útil - 19 mil m² de estandes e 43 mil m² de circulação.

A Câmara Brasileira do Livro - CBL, promotora da festa, conta com o sucesso da última edição, pois sete meses após inaugurada a Bienal cerca de 91% de toda a área havia sido comercializada.

Eles esperam que o número de lançamentos seja superior aos 3 mil títulos apresentados em 1996.

Uma preocupação dos organizadores foi facilitar a presença de autores e editores independentes; por isso, a CBL e a União Brasileira de Escritores - UBE - criaram uma área coletiva, dividida em 31 módulos de 5 m².

A CBL também está organizando atividades paralelas, como seminários e cursos voltados basicamente para educadores. O Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, coordenado pela professora e escritora Lúcia Pimentel de Sampaio Góes (USP) e pela professora Maria dos Prazeres Santos Mendes (USP/PUC), será realizado nos dias 6 e 7 de maio.

CATÁLOGO DE LIVROS DE ILUSTRADORES DE PORTUGAL

Ano passado Portugal foi o país tema na Feira de Frankfurt e a literatura infantil também esteve presente em exposições e palestras. *Cores para o futuro - ilustração infantil e juvenil portuguesa* é um catálogo que traz um panorama dos ilustradores portugueses, além de um breve histórico do livros para crianças portuguesas.

Quem gentilmente enviou o catálogo para a Fundação foi Judith Schleyer, brasileira que trabalha na biblioteca de Frankfurt. Judith deu todo apoio à FNLIJ na época da feira de 94, em que o Brasil foi o país tema e na qual autores e especialistas da área

Congresso do IBBY 1998 e 2000

O 26º Congresso do IBBY será realizado entre os dias 20 e 24 de setembro deste ano, em Nova Déli, na Índia, com o tema "Paz através dos livros infantis". Considerando que as crianças são os cidadãos do futuro, a mensagem de paz deve estar presente na literatura infantil de forma divertida, levando-as a viver em harmonia com os outros. O que se espera é que essa mensagem encontre todas as crianças do mundo.

Olhando mais para o futuro: a segunda reunião das onze seções latino-americanas do IBBY, na cidade de Santafé de Bogotá, Colômbia, entre os dias 22 e 25 de setembro de 97, contou com a presença da secretária geral da FNLIJ, Elizabeth Serra. O objetivo do encontro foi planejar o 27º congresso, que será no ano 2000, em Cartagena, na Colômbia, de 18 a 22 de setembro. O tema central será: El nuevo mundo para um mundo nuevo - libros infantiles para el próximo milénio. A única vez que o IBBY realizou seu congresso em solo latino americano foi em 1974, no Rio de Janeiro, organizado pela FNLIJ, tendo sido um sucesso e um marco no desenvolvimento do estudo sobre literatura infantil e juvenil e comprovação de sua importância para a cultura.

A oportunidade de trazer o foco da literatura infanto-juvenil para a América Latina, no ano 2000, é um desafio para todos e, por isto, as seções foram convidadas pelo Fundalectura a se envolver nesta empreitada coletiva que é realizar o Congresso.

A reunião contou também com a presença das seções do México, Costa Rica, Cuba, Venezuela, Peru, Bolívia, Chile, Argentina e Uruguay.

BIBLIOTECA

Livros recebidos pelo CEDOP / FNLJ até 04 de dezembro de 1997

ASEFE: O mistério da mulher do balde, Rosina Chaves, il. Sérgio Tanuck Chaves.

ÁTICA: A anêmona-do-mar, Mii Saki, il. Nobuki Iwatsuki (fotografias). A cidade e as serras, Eça de Queirós (reedição). A estrela-do-mar, Mii Saki, il. Nobuki Iwatsuki (fotografias). A fantástica máquina dos bichos, Ruth Rocha, il. Margarita Menendez. A ilustre casa de Ramires, Eça de Queirós (reedição). A incrível aventura do gato Joel, Marjorie Newmann, il. Charlotte Hard, trad. Marcos Bagno. A queda dum anjo, Camilo Castelo Branco (reedição). Aladim e a lâmpada maravilhosa, Antoine Galland (versão), il. Odilon Moraes, trad. Sérgio Flaksman. Amor de perdição, Camilo Castelo Branco (reedição). Anjinho, Eva Furnari, il. Eva Furnari. Canaã, Graça Aranha (reedição). Contos fluminenses, Machado de Assis (reedição). Coração dividido, Janet Quin-Harkin, trad. Fábio Fernandez. David Copperfield, Charles Dickens, il. Alan Marks, trad. Luciano Vieira Machado. Enquanto o mundo pega fogo, Ruth Rocha, il. Alcy. Ensaio de um beijo, Elizabeth Bernard, trad. Fábio Fernandez. Escondida, Tudor Humphries, il. Tudor Humphries, trad. Lenice Bueno da Silva. Firulina, a galinha Garnisé, Bob Graham, il. Bob Graham, trad. Ruth Salles. Gol de padre e outras crônicas, Stanislaw Ponte Preta, il. Alcy Linhares (reedição). Histórias de amor, Lygia Fagundes Telles, il. Marcelo Cipis (reedição). Longe com o meu querer, Marina Colasanti, il. Marina Colasanti. Marília de Dirceu & Cartas Chilenas, Tomás Antônio Gonzaga (reedição). Menina bonita do laço de fita, Ana Maria Machado, il. Claudius (reedição). Meu livro de folclore, Ricardo Azevedo, il. Ricardo Azevedo. Meu primeiro namorado, Callie West, trad. Luciano Vieira Machado. Minha família é um barato, Christopher Curtis, il. Gonzalo Cárcamo, trad. Geraldo Galvão Ferraz. Mistério no castelo toca-do-lobos, Friedrich Scheck, trad. Ruth Salles. Na pista do seqüestrador, Friedrich Scheck, il. Marcelo Araújo (ed. Arte), trad. Ruth Salles. Ninoca e as cores, Lucy Cousins, il. Lucy Cousins [trad. não consta]. O amor pode esperar, Katherine Applegate, trad. Luciano Machado. O bobo, Alexandre Herculano (reedição). O cabeleira, Franklin Távora. O espelho roubado, Lídia Postma, il. Lídia Postma, trad. Ruth Salles. O fantasma no espelho, John Bellairs, il. Atelier Bauch-Kiesel, trad. Mário Vilela. O hóspede suspeito, Friedrich Scheck, trad. Ruth Salles. O mandarim, Eça de Queirós (reedição). O

ouriço-do-mar, Mii Saki, il. Nobuki Iwatsuki (fotografias). O paguro, Mii Saki, il. Nobuki Iwatsuki (fotografias). O palhaço, Quentin Blake, il. Quentin Blake. O penúltimo dragão branco, Márcio Trigo, il. Roger Mello. O preço da coragem, Raul Drewnick, il. Nelson Reis. O super Silva, Ivan Jaf, il. César Lobo. O vale dos dinossauros, Thomas Brezina, il. Atelier Bauch-Kiesel, trad. André Carvalho & Maria Estela H. Cavaleiro. Os Lusíadas, Luís de Camões (reedição). Para vencer certas pessoas, Ruth Rocha, il. Alcy. Pode me beijar se quiser, Ivan Ângelo, il. Ricardo Azevedo. Pumuk que duende danado!, Ellis Kaut, il. Ellis Kaut, trad. Ruth Salles. Raptado, Robert Louis Stevenson, il. Rogério Soud, trad. Luciano Vieira Machado. Roteiro de leitura: A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queirós, José de Paula Ramos Jr. Tanto, tanto!, Trish Cooke, il. Helen Oxenbury, trad. Ruth Salles. Um corpo de mulher, Fernando Sabino. Várias histórias, Machado de Assis (reedição). Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá, Lima Barreto (reedição). Zap! Virei telepata!, Dan Greenburg, il. Fack E. Davis, trad. Heloísa Prieto.

BERTRAND BRASIL: Objetos turbulentos, José Jacinto Veiga. Pedro e Pietrina: uma história verdadeira, Patrícia Bins, il. Roger Mello.

BRINQUE-BOOK: A velhinha que dava nome às coisas, Cynthia Rylant, il. Kathryn Brown, trad. Gilda de Aquino.

CALLIS: Ananda, Cristina Von, il. Cristina Von. Bichos da minha casa, Ana Michaelis & Roseli Tuan, il. Ana Michaelis. Carol, Cristina Von, il. Cristina Von. Ceramicando, Paulo James & Jean-Jacques Vidal, il. Nadine Trzmielina. Crianças famosas: Portinari, Nadine Trzmielina, il. Ângelo Bonito. Paula de São Paulo, Mariângela Bueno & Sônia Dreyfuss, il. Sérgio Cajado. Pepe, Diego e Guadalupe, Cristina Von, il. Cristina Von. Portinari: "Vou pintar aquela gente...", Nilson Moulin & Rubens Matuck, il. Nilson Moulin & Rubens Matuck.

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA: Júlia e a lágrima de amor, Yvonne Bezerra de Mello, il. Elenice Lino Nogueira.

DIMENSÃO: Enquanto eles dormem, Celso Sisto, il. Graça Lima. O dono da voz, Celso Sisto, il. Mariana Massarani. O encantador de serpentes, Celso Sisto, il. Nelson Cruz. O pequeno cantador, Celso Sisto, il. Roger Mello. Porque na casa não tinha chão, Celso Sisto, il. Lula. Quase que nem em flor, Celso Sisto, il. Graça Lima.

FTD: A menina que o vento roubou, Maria Heloísa Penteadó, il. Maria Heloísa Penteadó. Amor impossível, possível amor, Pedro Bandeira & Carlos Queiroz Telles, il. Pedro Luna. Conta com a gente, Isabel Vieira, il. Décio Navarro. Guerra dos humildes, Reinaldo Valinho Alvarez, il. Vilela. O mestre das Harpias, Luiz Antônio Aguiar, il. César Landucci. O olho do furacão, Roberto Goldkorn, il. Olavo Tenório Cavalcante. O salto para a vida, Célia Valente. O xis da questão, Ricardo da Cunha Lima, il. Bilau; Spacca. Receitas de olhar, Roseana Murray, il. Elvira Vigna. Só meu pai sente saudade, Dau Bastos, il. Lúcia Brandão.

GLOBAL: A moeda de ouro que um pato engoliu. Cora Coralina, il. Alcy. A televisão da bicharada, Sidônio Muralha, il. Cláudia Scatamachia. Ciranda de anel e céu, Sylvia Orthof, il. Cláudia Scatamachia. Coração solitário, Maria Adelaide Amaral, il. César Landucci & Mauricio Negro. Gente miúda e gente graúda, Regina Drummond, il. Cláudia Scatamachia. Girassóis, Caio Fernando Abreu, il. Paulo Portella Filho. Minha mãe, a elefanta, Rita Espechit, il. Ricardo Azevedo. O incrível duelo de magia, Rosana Rios, il. Cláudia Ramos. Seis tempos, Sylvia Orthof, il. Maria Regina Belucci. Sete cavalos na berlinda, Sidônio Muralha, il. Márcia Széliga. Tempos de vida, Bryan Mellonie, il. Robert Ingpen, trad. José Paulo Paes. Uma aventura na floresta, Maria Clara Machado, il. César Landucci; Mauricio Negro. Serra Leoa, Maqui, il. Maqui.

HGF: Curiaçu: a lenda das araucárias, Hardy Guedes, il. Priscila Sanson Martins. Duvidou, virou pedral, Hardy Guedes, il. Priscila Sanson Martins. Itacueretaba: a lenda de Vila Velha, Hardy Guedes, il. Márcia Széliga. Naipi e Taroba: a lenda das cataratas do Iguçu, Hardy Guedes, il. Márcia Széliga. Nhanderu: a lenda do sol e da lua, Hardy Guedes, il. Priscila Sanson Martins. O pobre homem mais rico do mundo, Hardy Guedes, il. Sandra Mallin. O véu de renda sem fim, Hardy Guedes, il. Priscila Sanson Martins. Um fio de linha contra o monstro do labirinto, Hardy Guedes, il. Márcia Széliga. Xakxo: a lenda do fogo, Hardy Guedes, il. Márcia Széliga.

JOÃO SCORTECCI: A linda formiguinha Esmeralda, Neli Célia Fernandes Lucchi, il. David Schumaker. Corda bamba em jogo, Nadiir Xavier Andrade. Na linha do cerol, João Scortecci. Pedra maldita, Bete Guimarães (reedição).

BOLONHA 98

A Feira de Bolonha 98 acontecerá de 2 a 5 de abril.

A entrega do prêmio Monteiro Lobato da Biblioteca Nacional será realizada na Feira.

A editora contemplada é a suíça Verlag Nagel & Kimche, que lançou em edição primorosa o livro *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, com ilustrações de Roger Mello, indicado pela Fundação, que ficou muito satisfeita com a escolha da editora.



EM
MAIO
A FNLIJ
FAZ 30
ANOS!

MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Augustus, Berlendis & Vertecchia, BCD União de Editoras, Bloch, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Círculo do Livro, Cejup, Clínica Ênio Serra, Compor, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora 34, Exped, Formato, FTD, Global, José Olympio, Lê, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Paulinas, Price Waterhouse, Projeto, Record, RHJ, Salamandra, Saraiva, Scipione, SNEL, Villa Rica.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente *Notícias*.
Tel.: (021) 262-9130

EXPEDIENTE

Fotótipo e Impressão: Price Waterhouse • Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra •
Redação: Luciana Sandroni • Revisão: Laura Sandroni • Diagramação: Christiane Mello

Conselho Curador: Alfredo Weiszflog, Gisela Bluhm, Ferdinando Bastos de Souza, José Bantim, M^o Antonieta Antunes Cunha, Sergio Abreu da C. Machado Conselho Diretor: Propício Machado Alves (Presidente), Laura Sandroni, Ricardo Augusto Pamplona Vaz Conselho Fiscal: Paulo Adolfo Aizen, Henrique Luz, Terezinha Saraiva, Márcio Tavares do Amaral, Maria do Carmo Marques Pinheiro. Conselho Consultivo: Ana Lygia Medeiros, Antonio Carlos Gomes da Costa, Ezequiel Theodoro da Silva, Celina D. da Fonseca Rondon, Edmir Perrotti, Eliana Yunes, Geraldo J. Pereira, José Mindlin, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figueróa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Manoel Protásio, Paulo Rocco, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio:

Price Waterhouse



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar Cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil telefone (021) 262 9130 fax (021) 240 6649

O Mundo de Ciça Fittipaldi

Neste segundo número do suplemento apresentamos a palestra feita pela ilustradora Ciça Fittipaldi no I Seminário Internacional de Ilustradores em Caracas, Venezuela, em 1996.

Ao ser nomeada, em 1996, pela FNLIJ, para concorrer ao Prêmio Hans Christian Andersen, Ciça recebeu o convite do Banco del Libro para representar o Brasil no seminário. Além desta palestra, a ilustradora também desenvolveu uma oficina, oportunidade que trabalhou diretamente com o público de profissionais de ilustração e de editoração gráfica. Para Ciça, "técnica a gente não ensina, a gente inventa e o público sempre vem buscar técnica". Defendendo essa e outras idéias, ela estimulou os participantes para que buscassem uma linguagem própria.

Confira agora as palavras de Ciça, neste depoimento apaixonado pelo Brasil e pela ilustração de livros infantis.

As ilustrações comentadas são de autoria de Ciça Fittipaldi.



Eu me acho uma pessoa muito brasileira e por isso vou começar falando de como entendo meus país, já que nós, brasileiros, somos um povo fascinado, desde sempre, pela própria identidade. E vou contar com a ajuda de alguns pontos de partida formulados pelo antropólogo brasileiro Darci Ribeiro.

Para mim, ser brasileiro é muito mais sentimento do que consciência; nos custa muito saber o que é isso e estamos sempre nos perguntando, afinal, o que somos enquanto povo.

"A mestiçagem de carne e a profunda mestiçagem espiritual de tantas contribuições étnicas acabou consolidando um povo e uma cultura peculiares"(DR). E a incrível diversidade ambiental, mapeada em regiões sócio-culturais também muito diversificadas, na história e forma da adaptação humana, ampliou as tonalidades desta cultura nacional em construção.

Em muitos aspectos somos diferentes dos outros países da América Latina, hispanoamericanos, apesar das coincidências históricas.

Para abordar isso de uma forma mais pessoal basta, para mim, lembrar que a corte portuguesa foragida e instalada no Brasil, ansiosa pelo status de estar cercada de artistas, e não dispondo em Portugal de um Velasquez, teve que recorrer aos franceses. Assim, a arte que se começou a produzir nesse ambiente mestiço, resultado da famosa "Missão Francesa" no Brasil, resultou, no tocante aos registros das populações indígenas, muito estranha e desclimatizada, numa linguagem visual barroco-surrealista que era a expressão francesa desse novo mundo forjado por portugueses, índios e negros em sua maioria.

"O Brasil tem acolhido multidões de imigrantes europeus e asiáticos. Em sua maioria eles foram assimilados e abasileirados" (D. R.) .



Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº2

Nós adoramos futebol e o juntamos à cerveja: são nossas paixões nacionais.

“Nossos modos são tomados de muitas gentes. Somos um povo de muitos povos, muitas humanidades” (D. R.).

Talvez seja essa a razão de estarmos sempre buscando nossa própria identidade e, por isso mesmo, seja tão difícil expressar, de uma maneira significativa, para os outros países do mundo, o quê, de nossa experiência cultural, é universal.

Por outro lado, no meu modo de enfocar esse assunto, é exatamente nessa ausência de uma clara identidade e na diversidade de formas como ela se manifesta, onde está a nossa beleza.

Em todas as coisas que me tocou viver e nas quais busquei uma expressão visual, encontrei profundas relações com meus sentimentos, pensamentos, desejos e expectativas infantis. Sendo, quando criança, de um temperamento irrequieto, muitas dessas paixões infantis encontraram um bom abrigo nas situações de viagens, de estar do lado de fora, procurando outros. Logo que tive independência suficiente, comecei a viajar pelo interior do meu país e foi quando começou a acontecer comigo um lento mergulho dentro deste enorme caldeirão cultural que é o Brasil.

De lá fui tirando contos tradicionais de raiz européia que foram assimilados e reinventados pelo imaginário popular, como a versão para o “Alfaiate Valente” de Grimm, que no Brasil passou a ser o “Sapateiro Valente” ou a “Mata Sete”¹. Para este personagem, a imagem de um reino confunde-se com a das grandes fazendas latifundiárias do nordeste brasileiro; deve enfrentar, na categoria de “feras”, bichos selvagens como a onça; os monstros não são mais exatamente os dragões europeus mas a sua mescla com as grandes serpentes tropicais, sursoris, anacondas; a beleza da princesa, a despeito da pele muito alva, tingem-se de um calor mulato, caboclo.

Contos ameríndios, produzidos pelo encontro das três raças na Amazônia, como a versão para o Boto Tucuxi², o Don Juan dos rios amazônicos, caboclo sedutor das mulheres ribeirinhas.

Esses livros estavam destinados a jovens entre

11 e 14 anos, aproximadamente. Então, para recriá-los em minha própria versão, escolhi contos em que pudesse trabalhar sentimentos de idealismo, aventura, dúvida, indecisão, rebeldia ao estabelecido, sensualidade e afirmação sexual. Entreguei-me às linguagens das artes visuais populares, em especial às xilogravuras nordestinas que são a versão abasileirada dos gravados medievais europeus, mas também às configurações cênicas das festas populares e seus objetos típicos. Temperei com as vivências das viagens, coisas vistas, conversadas e imaginadas em seus ambientes.

No meio do caminho encontrei esta mulher, a Tereza Bicuda³, uma gente-quase-bruxa, única no repertório brasileiro, a quem, com a ajuda do Centro de Pesquisa de Arte Popular da Universidade Federal de Goiás, tive o prazer de tirar de dentro do nosso caldeirão cultural para enfiá-la no folclore brasileiro.

Tereza Bicuda nasceu, cresceu e se esqueceu em Goiás, até trinta ou quarenta anos atrás o desconhecido e misterioso centro-oeste brasileiro de Guimarães Rosa, onde estava enterrada como personagem. Era fruto da imaginação dos que foram para lá, no passado, para tirar ouro. Uma mulher cuja riqueza imaginada era descabida e desproporcionada em relação ao ambiente social da região mas que refletia os anseios daquela luta pelo ouro e o poder. Apesar da sua infinita maldade, muitas vezes através dela, podemos aprender alguma coisa sobre o que é ser mulher.

Também me interessei pelas artes tribais africanas que melancolicamente se enraizaram no Brasil e através da sua energia, densidade de conteúdos e vigor estético, produziram novas expressões em todas as formas de produção artística⁴.

Porém me parecia que estas forças vitais não tinham encontrado espaços igualmente vitais nos livros para crianças no Brasil e então eu quis tentar.

Não foi fácil porque me deparei com um mundo ao mesmo tempo doce e aterrador.

Mas afinal, pensei, esse também é o mundo das crianças.

Muitos me perguntam porque meus desenhos

são tão planos, sem nenhuma profundidade nem perspectiva.

Sinto que tenho uma visão de fora, uma visão de superfície sobre um universo de criações que não são minhas mas de que quero participar pela experiência humana que está lá. Uma superfície da qual me aproximo sensivelmente, onde descubro linguagens, significados.

É como ver a pele de um mundo, tentar tocá-lo, sentir seus climas, suas turbulências, e experimentá-lo em meu próprio mundo interior.

“Ver a pele pintada do planeta” é algo que aprendi a partir das magistrais pinturas corporais dos índios e das representações gráficas que eles fazem de seu ambiente natural e cultural. De uma forma geral, as crianças até 8 ou 9 anos também utilizam configurações planas para representar e expressar suas vivências. Por outro lado, o artista espanhol Miró, chegou a grandes profundidades de cultura e espírito, através do plano. Assim, várias pontes podem ser construídas a partir da decisão de tomar este partido, este caminho gráfico.

Meus desenhos também são muitos coreográficos. Gosto de fazê-los dançar e aí está outra forte manifestação de uma expectativa infantil.

No caso dos desenhos para África, continente tão rítmico, musical e dançante, esta intenção fica ainda mais nítida.

De todos os temas que fui escolhendo, o que mais me encanta e apaixona é o das mitologias indígenas.

Para realizar este trabalho eu utilizei a pesquisa bibliográfica da antropologia brasileira, consultei especialistas da área, educadores de escolas indígenas, sertanistas. Pesquisei os ícones visuais de cada cultura abordada e, principalmente busquei, sempre que possível, ouvir indivíduos dessas culturas narrando suas histórias.

Mas, de tudo, o que mais me valeu foi ter vivido uma temporada entre os índios Nambiquara, em suas aldeias. Essa vivência alimentou a pesquisa, a imaginação e tudo quanto precisei usar para construir uma tradução poética do mito na minha língua, que fosse acessível à mentalidade infantil e que interferisse ao mínimo na estrutura original dessas criações, para não aprisioná-las.

Para acentuar os valores universais desses mitos indígenas, vou usar algumas palavras de Lévi-Strauss:

“Os mitos são ao mesmo tempo histórias contadas e esquemas de uma lógica fantástica que o homem cria para resolver problemas que se apresentam sob planos diferentes.” (. . .) “O mito coloca e utiliza, em sua lógica estrutural, conhecimentos adquiridos e cristalizados ao longo da experiência humana em diversos campos como a botânica, a zoologia, a astronomia e a medicina. Ele narra a experiência vital de uma determinada cultura e expressa, sobretudo, uma forma de pensamento.”

Uma parte fundamental do meu trabalho está relacionada com a seleção das histórias, dentro de um repertório imenso e riquíssimo, uma vez que no território brasileiro encontramos pelo menos 120 idiomas indígenas distintos. Comecei por escolher culturas de distintas raízes, adaptadas a ambientes diversificados, dentro de um contexto geral amazônico, enquanto região sócio-ambiental. Muitas culturas deixaram de ser abordadas nesta seleção, pelos limites a que um projeto editorial desta natureza tem que se conformar.

Além disso, grande parte desses mitos, em princípio, não se adequam a livros infantis. Um grande volume de informações antropológicas teria que ser aportado para viabilizar a compreensão dos contos e eu já havia decidido que a ponte entre culturas indígenas e não-indígenas que eu estava pretendendo construir teria como alicerce a arte verbal e visual e não a antropologia.

Acabei por escolher mitos em que a beleza estética das imagens “literárias” evocadas tratassem de assuntos muito relevantes para o estabelecimento cultural e expusessem diferentes formas de pensar e solucionar problemas que dizem respeito a qualquer ser humano: a existência neste mundo, o amor conjugal e o ciúme amoroso, a morte, o trabalho e a preguiça, o amor filial e a separação materna (entendida como autonomia para a vida), paz e guerra, etc.

Toda tradução, toda versão, inclui perdas semânticas e poéticas. No caso dos mitos as perdas são maiores por serem eventos de transmissão oral

que integram um conjunto enorme de linguagens expressivas, gestuais, cênicas, musicais, nas vozes de seus diferentes narradores.

Há distintas situações em que uma platéia se envolve com um contador de histórias, nas aldeias. Isso pode acontecer à noite, em redor do fogo na maloca, ou em pleno dia, no pátio e até durante uma expedição de caça ou pesca, andando pela mata. Situações de transmissão de conhecimentos podem ser mais formais e mesmo rituais mas também permeiam a vida cotidiana com muita naturalidade. O contador de histórias apropria-se desse determinado momento e o utiliza a favor da narração: detalhes do ambiente, objetos da cultura material, ruídos externos e a manifestação dos ouvintes, tudo pode ser transformado em instrumento expressivo para contar o conto.

É por esse motivo que eu acredito que participar de uma roda de contos nas aldeias, ou simplesmente ouvi-los e vê-los contar suas histórias, onde for, seja valioso para quem busca superar as perdas de uma tradução.

Quando fiz estes livros, há 12, 13 anos atrás, eu tive a intenção de, naquele determinado momento brasileiro, colocar a questão indígena no plural: a diversidade de culturas contra a imagem estereotipada do índio nas suas representações genéricas e, muitas vezes, preconceituosas.

Também escolhi uma abordagem que privilegiasse o olhar cultural na construção das imagens, abandonando as tendências místico-fantásticas, que só realçariam o aspecto exótico destes povos e deixando de lado a descrição naturalista e a representação realista que já vinham sendo feitas, desde a Missão Francesa.

Vou terminar, comentando os desenhos que aprendi a fazer com a experiência gráfica dos índios Yanomami, que tem uma parte de sua população na Venezuela. Seu repertório tradicional está limitado a pontos e a esparsas linhas retilíneas, sinuosas e tracejadas. Quando surgiu a oportunidade de expressão gráfica sobre o papel, os Yanomami o fizeram com tal intensidade e de forma tão integrada ao seu estilo de vida que a visualidade resultante revelou uma grande força original. Segundo eles mesmos, seus registros dizem respeito, além das intenções figurativas e representativas, a diferentes "estados de ser", diferentes estados da energia vital que se manifesta em todo e qualquer ser vivo e se estende igualmente aos minerais e às ocorrências climáticas e geográficas do ambiente onde estiverem, enquanto humanidade.

Através destes desenhos-conceitos, os Yoanomami têm sido os melhores professores de arte que consegui encontrar até este momento.

1- *Mata Sete - versão de um conto popular*. Ciça Fittipaldi. Il.da autora São Paulo: Scipione, 1988. (Série Encantamentos).

2 - *Mais mil causas para o boto Tucuxi - versão para diversas lendas e credices amazônicas*. Ciça Fittipaldi. Il.da autora São Paulo: Scipione, 1989. (Série Encantamentos).

3 - *Tereza Bicuda - versão de um conto popular*. Ciça Fittipaldi. Il.da autora São Paulo: Scipione, 1988. (Série Encantamentos).

4 - *Bichos da África*. Rogério Andrade Barbosa. Il. de Ciça Fittipaldi. São Paulo: Melhoramentos, 1988. 4v.

5 - *Série Morená*. Ciça Fittipaldi. Il.da autora. São Paulo: Melhoramentos, 1985. 8v.

*Ciça Fittipaldi
é ilustradora e
também autora
de livros para
crianças.*

Reflexões sobre leitura
e literatura infantil e
juvenil.

Fascículo n°2

Parte Integrante do
Notícias 02/98

Fundação Nacional do
Livro Infantil e Juvenil

RESPONSÁVEL:

Elizabeth D'Angelo
Serra

PRODUÇÃO:

Ninfa Parreiras

FOTOLITO E IMPRESSÃO:

Price Waterhouse